

IMPrensa E POLÍTICA NO PARANÁ: UMA PROSOPOGRAFIA DOS REDATORES REPUBLICANOS

AMÉLIA SIEGEL CORRÊA*

RESUMO: A crise do regime monárquico brasileiro veio acompanhada do surgimento e da expansão do movimento republicano no final do século XIX. No período, a imprensa não somente se colocou como palco dos debates institucionais, como também teve papel de poder informal. Para melhor compreender as redes e configurações que ensejaram a produção e difusão de ideários republicanos no Paraná, elaborou-se uma prosopografia dos redatores que discutiram a questão republicana na imprensa local. A biografia coletiva permitiu também a compreensão dos variados posicionamentos políticos nas redes que influenciaram o republicanismo local que, em sua vertente dominante, esteve vinculado ao projeto de modernização conservadora das elites ervateiras, detentoras de capital econômico e político que lhes permitiu o controle do estado após a Proclamação da República. Como o campo intelectual ainda não tinha se configurado, vincularam-se os redatores analisados ao campo político.

PALAVRAS-CHAVE: Prosopografia; Imprensa Republicana; Política; Paraná.

ABSTRACT: The crisis of the Brazilian monarchical regime was accompanied by the emergence and expansion of the republican movement in the late 19th century. In that period, the press not only positioned itself as the arena for institutional debates, but also played the role of informal power. In order to better understand the networks and configurations that permitted the production and diffusion of republican ideals in the State of Paraná, a prosopography of the writers and editors who discussed the republican issue in the local press was elaborated. The collective biography also enabled an understanding of the varied political positions within the networks that influenced local republicanism, which, in its dominant faction, was connected to the conservative modernization project of the maté producing elites, which held the political and economical capital that allowed the control of the state after the Proclamation of the Republic. As the intellectual field had not been configured yet, the writers and editors analyzed were linked to the political field.

KEYWORDS: Prosopography; Republican Press; Politics; Paraná state.

Apresentação

O objetivo deste artigo¹ é elaborar uma biografia dos principais redatores que escreveram sobre a questão republicana em Curitiba no final do século XIX, com a intenção de traçar uma prosopografia deste subgrupo que atuava no campo político paranaense. Interessam especialmente os redatores, pois eram os responsáveis pelo conteúdo do jornal. O método prosopográfico, que “utiliza um enfoque de tipo sociológico em pesquisa histórica, buscando revelar características comuns de um determinado grupo social em dado período histórico”,² permite uma observação “dos grupos sociais em suas dinâmicas internas e em seus relacionamentos com os outros grupos e com o espaço do poder”³ e, portanto, auxilia na compreensão das redes e configurações.

Como não havia no final do século XIX um campo intelectual, e como todos os jornalistas políticos analisados neste trabalho participaram política *stricto sensu* como deputados, vereadores etc., considerou-se adequado posicioná-los como agentes do campo político, afinal os jornalistas são “vendedores profissionais de serviços políticos”, e têm uma função importante no jogo político que deve “impor uma representação do mundo social capaz de obter a adesão do maior número de cidadãos”.⁴

O critério de escolha dos escritores recaiu sobre sua importância no quadro das discussões sobre os ideários republicanos e sua inserção na imprensa periódica local. Dentro de um universo de aproximadamente duas dezenas de jornalistas políticos do período, recortou-se um subgrupo de dez, cujo capital simbólico se destacou e cuja trajetória é exemplar para a compreensão das redes de interdependência e disputas de poder: Rocha Pombo, Vicente Machado, Correia de Freitas, Justiniano de Mello e Silva, Leôncio Correia, Eduardo Mendes Gonçalves, Chichorro Júnior, Albino Silva, Menezes Dória e Nestor Victor.

Para compreender melhor suas formas de pensar⁵ e suas ideologias republicanas, outra noção importante é a de *trajetória*, entendida como “a série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos”.⁶ Todavia, como não se pretende trabalhar os ideários isoladamente, considerou-se necessário dar um tratamento coletivo para as trajetórias dos redatores, elaborando uma prosopografia, que “reúne dados biográficos de um grupo de atores históricos que têm algo em comum, seja uma função, uma atividade, ou ainda uma posição social; ela é portanto, um “estudo coletivo” de suas vidas”⁷. Nas palavras de Miceli,

“Essa metodologia requer a construção da biografia coletiva de um determinado setor da classe dirigente com base numa estratégia de exposição e análise que se vale do exame detido de casos exemplares, alçados à condição de tipos ideais, e, com base nesse corpus de evidências, de inferências qualificadas acerca do grupo ou do setor de classe na mira do pesquisador. Tais inferências devem ser lastreadas em evidências empíricas que abrangem uma quantidade representativa de casos cujas características sociais, escolares, profissionais, etc. possibilitam a reconstrução de uma trajetória ou ‘destino de classe’ para os fins de análise sociológica ou política”.⁸

Assim, buscou-se detectar homogeneidades que justificassem tomadas de posições semelhantes, mediante a eleição de casos exemplares, como forma de construir um perfil deste subgrupo atuante no campo político, da proclamação em 1889 até 1891. Vale lembrar que o método

para a elaboração de uma biografia coletiva depende da quantidade e qualidade das fontes, e, apesar de tratar-se de um período rico, há muitas lacunas nos acervos disponíveis para esta discussão. Diversos tipos de fontes foram utilizadas, abundantes para alguns e exíguas para outros, dado indicativo dos capitais e das posições de cada redator.

Assim, busca-se apresentar alguns dos possíveis elementos explicativos do republicanismo paranaense, resultado das lutas pelo poder local e das redes de interdependência com o campo do poder nacional, preenchendo parcialmente a ‘inexistência’ de investigações concernentes a tal temática por meio de uma análise sociológica.

1. Rocha Pombo: jornalismo, política e literatura no Paraná

A importância de Rocha Pombo (Morretes-PR, 1857 – Rio de Janeiro-RJ, 1930) se dá por seu vanguardismo ao discutir questões do sistema monárquico debatidas nos principais centros do país. Nesse sentido, sua trajetória biográfica pode ser dividida em dois momentos: o primeiro do jovem jornalista defensor de uma perspectiva evolucionista, de reformas que levariam o estado e o país à civilização e ao progresso e, portanto, “naturalmente” à República e o segundo, pós-proclamação, quando desiludido com o rumo ditatorial do novo governo, aproxima-se de perspectivas sociais utópicas, que o levaram ao *exílio* com sua mudança para o Rio de Janeiro em 1897, quando se converteu ao ofício de historiador.

As configurações na qual Rocha Pombo estava inserido, aliadas ao seu autoditadismo, tornaram-no logo jornalista; seu primeiro jornal, *O Povo: órgão dedicado a causa popular*, fundado em 1879, inaugurou a discussão republicana na imprensa paranaense. Pertencente aos setores médios, elevou seu capital cultural a ponto de inserir-se nos espaços literários e políticos do Paraná.

Residiu em Castro, onde se casou com Carmelita Azambuja, filha de um grande fazendeiro, com quem teve seis filhos. Lá fundou o jornal *Echo dos Campos*, “a ponte para iniciar uma carreira política”.⁹ Sua atuação teve boa repercussão entre os conservadores, que conseguiram elegê-lo para a Assembléia Provincial em 1884, com apoio do Barão do Serro Azul – além da amizade, foi seu interlocutor na redação de seus jornais e na defesa de demandas da classe ervateira –, líder do partido.

Ao defender, na tribuna, a República dentro dos moldes evolucionistas, reafirma sua crença reformista e enunciada em seu extinto hebdomadário morretense, o que o leva a continuar no jogo político – candidata-se pelo segundo distrito – “querendo ser útil à minha província eu não podia dispensar-me de escolher um dos dous partidos militantes”, sem, contudo, ter ainda incorporado o habitus. “V. Ex. compreende perfeitamente o embaraço com que me animo a ocupar esta tribuna. Falta-me a pratica, falecem-me todos os recursos indispensáveis para o uso da palavra [...]”. Não tinha, portanto, incorporado o sentido de jogo pois “apenas quem tiver incorporado o habitus próprio do campo tem condição de jogar o jogo e de acreditar na importância desse jogo”.¹⁰ Sua atuação, em que as elites debatiam políticas administrativas, demonstra estratégias de subversão típicas dos “últimos a chegar”,¹¹ caracterizadas principalmente pela defesa de reformas estruturais, além de votar de acordo com suas convicções, o que por vezes significava favorecer os adversários do seu partido, sendo por isso acusado de falta de caráter por alguns correligionários que, apesar disso, preferiram mantê-lo no partido, evitando assim que os liberais o cooptassem, não sendo, entretanto, indicado para outras legislaturas ou cargos desta natureza.

Sua marginalização política resultou de suas propostas e “acaba por descobrir muito cedo o seu real papel perante as elites: o de deslocado”.¹² O início da década de 1890 para Rocha Pombo foi marcado pela desilusão com a República e pela frustração do seu projeto de criação de uma Universidade no Paraná em 1892.¹³ De fato, segundo Carvalho, “no bojo do desencanto com a pouca ou nenhuma sensibilidade do novo regime para as reformas democratizantes, surgiram as propostas anarquistas, trazendo alternativas radicais para a organização política do país”.¹⁴

Sua trajetória centrada na educação fez com que fosse tesoureiro da Sociedade Promotora da Instrução em 1889; lente de história na Escola Realista em 1890. Tornou-se bacharel aos 55 anos e logo em seguida passou a lecionar na Universidade Popular fundada por Elysio de Carvalho, um dos principais doutrinadores anarquista no Rio de Janeiro, e, não menos importante, escreveu uma série de obras didáticas sobre a história do Brasil.

A Revolução Federalista marcou o início de sua produção histórica com *Para a historia; notas sobre a Invasão Federalista no Estado do*

Paraná, obra memorialista que ratificou a crítica radical à República instaurada, a divergência com os governantes locais, principalmente Vicente Machado e o juízo negativo do florianismo, o que influenciou sua “simpatia” para com os maragatos. Apesar de antimilitarista, demonstrou crer inicialmente no caráter romântico das revoluções fruto de seu engajamento no movimento anarquista. Colaborou com a revista *O Cenáculo*, importante periódico do grupo simbolista entre 1895 e 1897.¹⁵

Diante das dificuldades que encontrou em manter-se no Paraná, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1897 onde aprofundou sua trajetória de historiador com *Historia da América*, que lhe rendeu o título de historiador oficial da República Velha em 1899 e *Paraná no Centenário*, de 1900, resultado de concurso do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. No entanto, sua maior obra foi *História do Brasil*, em 10 volumes, que lhe ocupou os anos de 1905 a 1917, o que lhe possibilitou viver durante esse período a experiência de escritor assalariado. Em 1905 a Editora Garnier publicou sua obra de prosa simbolista, *No Hospício*. Em 1933, após duas tentativas frustradas, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, mas em condições financeiras precárias, não chegou a receber o título em vida.

2. Vicente Machado, o grande líder

O êxito de um indivíduo, independente do campo social em que atue, não se dá exclusivamente por seus atributos individuais que o conduzem a altas posições nas estruturas sociais. Tampouco faz sentido conferir todo o mérito de uma ascensão a questões extrínsecas como origem social ilustre ou alto capital econômico. É preciso superar esta dicotomia que prejudica a compreensão sociológica, tornando-a ora individualista, ora estruturalista.

Vicente Machado da Silva Lima (Castro-PR, 1860) foi o primogênito do segundo casamento de seu pai que uniu duas famílias tradicionais paranaenses em Castro, importante cidade do segundo planalto paranaense, reduto do Partido Liberal das elites agrárias da região. Seu pai, o Capitão José Machado da Silva Lima era descendente de Mateus Leme, capitão paulista povoador de Curitiba e de Baltazar Carrasco dos Reis, bandeirante e um dos primeiros sesmeiros da capital da província.¹⁶

Ana Guilhermina Laynes Pinheiro, sua mãe, era filha de uma das principais lideranças de Paranaguá.¹⁷

Seus irmãos por parte de pai também foram direcionados para “carreiras masculinas”;¹⁸ José Machado Pinheiro Lima bacharelou-se em São Paulo em 1871 e foi ministro do Tribunal de Justiça de São Paulo e Benigno Augusto Pinheiro Lima era coronel, deputado estadual e chefe político em Antonina. Estes dados demonstram a inserção de seus familiares nas estruturas de poder durante o período imperial, tanto nos Campos Gerais quanto no litoral. Seu primeiro processo de socialização dentro desse espaço de convívio foi determinante na construção de seu *habitus* político.

A trajetória de Vicente Machado é típica dos bacharéis do final do Império. Jornalista militante, teve a formação tradicional da elite política brasileira¹⁹ que, aliada ao seu capital de relações sociais, contribuiu para que se tornasse a maior liderança republicana do Paraná. Sua atuação no campo da política iniciou-se logo após o bacharelado em São Paulo em 1881, na turma de Júlio de Castilhos, ao lado de quem dirigiu o jornal acadêmico *A Republica*, órgão do Clube Republicano Acadêmico em que os estudantes defendiam a democracia e as idéias liberais,²⁰ “a publicação seminal da aliança entre paulistas e gaúchos”.²¹ Todavia, tratava-se de liberalismo retórico, pois a prática de origem oligárquica não condizia com seus discursos.

Ao retornar ao Paraná assumiu o cargo de Promotor Público de Curitiba e escreveu artigos no jornal *Província do Paraná* até ser convidado pelo Presidente da Província, Carlos de Carvalho para secretariar o seu governo. Casou-se em 1882 com Antônia Moreira Lima, de origem tradicional curitibana e irmã de sua cunhada Máxima Moreira Lima, casada com o seu irmão, José Machado Pinheiro Lima. Frequentava os locais de sociabilidade das elites locais, como o *Club Curitybano*, cujo presidente era o então Comendador Ildefonso Pereira Correia.²²

Em 1883 seguiu para Ponta Grossa para ocupar o cargo de Juiz Municipal, onde ficou pouco tempo, até abrir um escritório de advocacia. No ano seguinte, quando o liberal Brazílio Machado²³ assumiu o governo, filiou-se ao Partido Liberal e passou a escrever com certa assiduidade no *Dezenove de Dezembro*, e na *Província do Paraná*. Mesmo tendo participado de agremiações republicanas durante sua formação em São

Paulo, vinculou-se localmente a um dos partidos da ordem. Em 1885 elege-se deputado provincial pelo Partido Liberal, como dissidente. Em setembro propôs uma reforma constitucional, pela criação da federação das províncias e para limitar o poder do poder moderador.²⁴ Dotado de uma percepção aguçada do campo político, reflexo do seu *habitus*, ao voltar de uma viagem a São Paulo, às vésperas da proclamação, adere publicamente ao movimento republicano,²⁵ unindo-se ao Clube Republicano de Curitiba, comandado por Eduardo Mendes Gonçalves, alterando o equilíbrio de poder entre os partidos e fortalecendo a ação do diminuto grupo de republicanos que militavam na capital da província.

O Clube Republicano fortaleceu-se e ganhou poderes com a Proclamação da República, e Vicente Machado imediatamente foi nomeado Chefe de Polícia do Governo Provisório. Pouco depois, com a dissolução da Assembléia e da Câmara, uma comissão municipal chefiada por ele passou a comandar o estado. Foi também Superintendente da Instrução Pública do Paraná e redator político do jornal *A Republica*, reflexo de sua aliança com os republicanos paulistas em particular com as figuras de Francisco Glicério e Herculano de Freitas. Todavia, seria impossível governar sem a aliança com a burguesia ervateira, composta pelos antigos conservadores que atendia melhor aos interesses de consolidação dos republicanos, com quem fundaram o Partido Republicano Federal, predominante nas primeiras décadas. A aliança com os ex-conservadores acarretou inimizades por parte de seus antigos correligionários liberais: Jesuíno Marcondes, Generoso Marques e Menezes Dória, além da já comentada antipatia de Rocha Pombo.

Em 1890 reafirmando sua base paulista, propunha a incorporação do Paraná à zona bancária de São Paulo, o que provocou a ira dos ex-liberais: “é o illustre redactor d’A República que pugnando por esta idea (a da anexação da zona bancaria) quer ser agradecido aos vultos paulistas que lhe deram a mão e que hoje se interessam por tal negócio”.²⁶ Em quadro de demasiada instabilidade no campo da política, sentido necessidade de “retroceder” alguns passos, voltou-se por um certo período para a militância jornalística, no período que antecedeu a eleição de Generoso Marques, quando ele e Eduardo Mendes Gonçalves aparecem como proprietários do jornal *A Republica*.

Mas após a subida de Floriano ao poder, Generoso Marques foi substituído por elementos ligados a Vicente Machado, marcando o início do desterro político dos liberais. Foi escolhido relator geral da Constituinte do Estado em 1892 e em seguida vice-governador na chapa de Francisco Xavier da Silva, quando se consolida a dominação dos conservadores sobre as elites agrárias. Em 1893 quando as forças federalistas avançavam rumo ao Paraná, era o governador do estado em exercício. Afirmando que a defesa de Curitiba não seria eficaz para conter os maragatos, transferiu a capital para Castro, deixando a cidade sob ocupação do federalista Menezes Dória que exigiu dinheiro, ameaçando saquear Curitiba.

Para evitar o saque, o Barão do Serro Azul levantou um empréstimo de guerra junto à Associação Comercial do Paraná. Vicente Machado voltou a Curitiba em 5 de maio daquele ano, quando os revolucionários já haviam abandonado o Estado. Quinze dias depois chegou à capital a notícia do fuzilamento do Barão do Serro Azul na Serra do Mar e Vicente Machado foi imediatamente acusado de ter sido o mandante. Quando a revolução terminou, renunciou ao mandato.

Com a consolidação da República e após atingir a idade necessária para candidatar-se ao Senado foi eleito para o mandato de 1895 a 1903, na cadeira antes ocupada por Generoso Marques, confirmando simbolicamente a vitória conservadora sobre os ex-liberais. Na Câmara Alta, bateu de frente com o Presidente Prudente de Moraes, que se opunha aos florianistas e foi nomeado por Campos Sales, liderança da Câmara.

Neste ínterim havia enviuvado e casou-se novamente em 1897 com Helena Loyola, filha do coronel Joaquim Antônio de Loyola, ervateiro, e chefe político conservador em Antonina. Em 1903 foi eleito Presidente do Estado do Paraná sem concorrentes; em 1906, já doente, licenciou-se e foi para Europa buscar tratamento, sem sucesso, morrendo no ano seguinte.

3. Manoel Correia de Freitas, o republicano histórico

Manoel Correia de Freitas foi um dos republicanos paranaenses mais exaltados, que “viveu em voluntário ostracismo, pobre e sem posições políticas”.²⁷ Essa imagem está vinculada a tomadas de posição ideológicas resultantes de um relativo conforto material proveniente de sua situação

familiar, o que possibilitou que a sua cooptação pelas elites tenha se dado tardiamente.

Seu *Manifesto Político* publicado em abril de 1890 foi o fundador da União Republicana do Paraná e seu nome disputava o mito de origem do republicanismo paranaense, pelo seu alto capital simbólico, fruto de suas amizades e relações com renomados republicanos como, por exemplo, Quintino Bocaiúva. Isto lhe conferiu alta visibilidade no final dos anos 1880, tornando-se referência para os propagandistas do Paraná. Assinou a *Declaração Republicana Paranaense* em 1881, primeiro documento formal de adesão ao movimento republicano no estado, o que confirma sua precedência sobre Eduardo Gonçalves, fundador do Clube Republicano em Curitiba em 1885. Tal luta pelo “mito fundador” se relaciona às disputas políticas, como ensina Carvalho.²⁸

Autoditada, filho do Capitão Domingos Correia de Freitas, natural de São Francisco, e de Dona Josephina Leite Bastos Freitas, de família tradicional parnanguara, consta que sua família libertou seus escravos na mesma data de Vicente Machado, o que permite posicioná-lo entre os setores médios em ascensão. Seu capital de relações familiares foi determinante para a boa inserção que teve no campo político catarinense, tendo participado da fundação do Partido Republicano de Santa Catarina.²⁹

Colaborou no *Livre Paraná* de Fernando Simas, periódico abolicionista e republicano. Não pertenceu a nenhum dos partidos monárquicos e participou da fundação do Clube Republicano de Paranaguá em 1887. No final dos anos 1880 iniciou sua ‘peregrinação’, viajando por todo o país para difundir a doutrina republicana;³⁰ no Rio de Janeiro, onde o movimento era mais urbano, envolveu-se com setores mais “radicais”; colaborou no popular *Correio do Povo*, dirigido por Sampaio Ferraz,³¹ no qual dividiu colunas ao lado de Aristides Lobo. Foi fortemente influenciado pela doutrina positivista, como mostram suas propostas de incorporação do proletariado à sociedade, e a importância dada para os símbolos nacionais.

Teve experiências profissionais variadas, todas de curta duração e, embora fosse freqüente o fenômeno de múltiplas ocupações,³² as de Correia de Freitas apontam para uma situação social e uma disponibilidade financeira que o diferenciava dos intelectuais de classe média.

É interessante observar em diversos momentos de sua trajetória a presença da figura de Tiradentes, “herói [...] de natureza popular [...], do jacobinismo, dos setores mais radicais do partido”.³³ Seu republicanismo mais popular refletiu-se em sua vida privada: decidiu alterar a grafia de seu nome por querer se desvincular de um suposto caráter nobiliárquico da sílaba “de”, mudando-o para Defreitas ao invés de “de Freitas”.³⁴

Após o 15 de novembro, foi convidado por Benjamim Constant e Aristides Lobo para assumir o governo do Paraná ou de Santa Catarina, mas recusou. Quando voltou a residir em Curitiba, em janeiro de 1890, participou da arregimentação que fundou a União Republicana Paranaense. Foi eleito deputado para participar do primeiro Congresso Constituinte do Paraná em 1891, durante o curto período em que os ex-liberais estiveram no poder. Nessa posição, sugeriu modificações radicais de cunho socialista que alterariam substancialmente o texto final da Constituição. Revoltou-se com a rejeição de suas propostas, e, como forma de protesto, renunciou ao cargo e ao subsídio de ajuda de custos.³⁵

Como se posicionou contra o golpe de Deodoro, o governo do Paraná lhe foi oferecido por Floriano. Renunciou devido à sua incompatibilidade com as intenções reacionárias da junta que presidia o estado, além de não querer colocar-se em antagonismo com seus correligionários que apoiaram o golpe. Não foi candidato à Constituinte Nacional, declinando o convite feito por seu colega Lauro Müller para representar os catarinenses.

Não há notícias sobre o seu posicionamento diante da Revolução Federalista, mas presume-se que tenha ficado ao lado de seus companheiros dominados no campo político local e apoiado os maragatos. A próxima ocorrência biográfica de Correia de Freitas aparece só em 1909, quando ocupou uma posição no campo político nacional como representante do Paraná na Câmara Federal; seus ideais de juventude retardaram as concessões necessárias para as trocas por posições nas estruturas de poder, adiando assim a sua entrada no jogo político *stricto sensu*.

4. Justiniano de Mello e Silva, um sociólogo na Terra do Futuro

Justiniano de Mello e Silva (Laranjeiras-SE, 1853) migrou para o Paraná via sistema de rotatividade das elites imperiais e aqui permane-

ceu 20 anos. De origem familiar pernambucana, o pai, Dr. Felix José de Mello e Silva, era advogado³⁶ e foi secretário particular de Frei Caneca durante a Revolução Pernambucana de 1817.³⁷

Em 1870 matriculou-se na Faculdade de Direito de Recife, compartilhando do movimento cultural da *Geração de 1870* e aproximando-se de dois intelectuais sergipanos de peso: Sílvio Romero, com quem fundou *A Crença*, e Tobias Barreto. Nesse período escreveu poesias e apareceu na classificação dos poetas sergipanos dentro do condoreirismo, escola brasileira de poesia da última fase romântica (1860-1870) de caráter social e político que divulgava e defendia idéias igualitárias.³⁸

No entanto, é interessante observar que embora possuísse o título de “doutor” – que em geral inseria o indivíduo dentro da categoria “elite política imperial” –, sua posição no campo político local foi dominada, principalmente após a Proclamação da República, quando direcionou seu capital intelectual, para a defesa da causa operária, mais condizente com seu *habitus* radical e combativo, restando-lhe posições de baixa concentração de poder nas fechadas estruturas locais. Tal dado se refletiu na pouca quantidade de fontes produzidas sobre ele. Colocado dentro de uma perspectiva de longo prazo, entretanto, percebe-se que seu legado transmutou esta posição original, perceptível pelas posições ocupadas por seus descendentes.³⁹

Justiniano de Mello lecionou no Atheneo Sergipense entre 1871 e 1874 e, segundo Alves, “a equipe de professores do Atheneu Sergipense representava uma significativa parcela da elite intelectual sergipana”.⁴⁰ O primeiro quadro de professores foi nomeado pelo Presidente da Província, General Cardoso Júnior, que se tornou peça importante no campo político paranaense no período da Proclamação da República e com quem Justiniano de Mello se aliou em torno do grupo de oposição a Vicente Machado. Casou-se com uma conterrânea, e em 1874 partiu rumo ao Rio Grande do Sul para tratar de problemas de saúde. Lá redigiu dois jornais – *O Artista*, ao lado do pernambucano Saldanha Marinho, e o *Diário do Rio Grande* –, ambos na cidade de Rio Grande, onde foi orador da loja maçônica União Constante.⁴¹ Em seguida seguiu para a Argentina, onde se doutorou em Ciências Sociais pela Universidade de Córdoba.

Em 1876, seu capital de relações sociais com as elites nordestinas proporcionou sua entrada na burocracia nacional via segundo escalão,

com um convite para secretariar a Presidência de Lamenha Lins, no Paraná. Neste mesmo ano fundou seu primeiro jornal, intitulado *25 de Março, Orgam do Partido Conservador*.⁴² Por sua formação num contexto social e geográfico diverso, tinha uma postura mais desprendida em relação às elites locais, que agradava à jovem intelectualidade. Tais fatores contribuíram para a breve duração do periódico, boicotado pelos adversários políticos que rapidamente adquiriu na cidade.

O *Sete de Março*,⁴³ também conservador, surgiu em 1888 e, em suas páginas, nota-se que Justiniano de Mello não se envolveu com a propaganda republicana, no entanto, mesmo monarquista, era muitas vezes mais crítico à Coroa e às oligarquias do que os republicanos. Tal postura acarretava um ônus, bem diagnosticado por Rocha Pombo: “O Dr. Justiniano de Mello tinha então o seu período de actividade e de domínio, infelizmente limitado na esfera política”,⁴⁴ ou conforme lembra Muricy, “Na Assembléia Provincial pronunciou orações que destoavam do ali habitual, pela erudição enorme, mas também pela inadequação à vida política”,⁴⁵ aspectos que se encaixam nos atributos da formação pernambucana: crítica e erudição.

No começo de 1889 Justiniano atuava como deputado provincial e seu partido encontrava-se dividido principalmente em função do beneplácito do Barão do Serro Azul a um projeto de supressão de várias escolas. O redator do *Sete de Março* não poupou críticas e, acusado de infidelidade partidária, foi “colocado no seu devido lugar”: “Portanto, o sr. Justiniano de Mello e Silva tire o seu cavallo da chuva ou limpe as mãos à parede, porque S.S. é ainda muito pequenino para poder negar o prestígio social e político do Barão do Serro Azul, digno Chefe do Partido Conservador deste districto”.⁴⁶ Revoltado, saiu do partido a fim de ter mais liberdade para atacar o governo, e foi punido com a perda da sua cadeira no Instituto Paranaense. No entanto, como detinha um alto capital simbólico no campo da educação, acabou beneficiando-se das lutas partidárias, pois o próximo presidente da província, o liberal Conselheiro Jesuíno Marcondes, visando sua cooptação, fez questão de reintegrá-lo em suas funções, convidou-o para ingressar no Partido Liberal e lhe ofereceu a presidência da província do Maranhão, que Justiniano recusou.

Justiniano de Mello não aderiu de imediato ao governo provisório e tampouco apoiou os republicanos locais logo após a proclamação;

porém, numa conferência realizada no final de 1889, dissertou sobre “a verdadeira democracia, a Republica Socialista fundada na instrução popular e na igualdade de classes”.⁴⁷ No início de 1890 uniu-se ao grupo da União Republicana, marcando a sua mudança de posição no campo político. Foi um entusiasta desse projeto; tendo sido orador do Clube dos Operários e Artistas,⁴⁸ e eleito seu representante para o congresso estadual.⁴⁹ Ainda assim, por seu capital simbólico, foi nomeado Diretor Geral da Instrução Pública em 1892.

Colaborou com as revistas *O Cenáculo* e *Revista Azul* de Dario Vellozo, que não poupava elogios a Justiniano de Mello, a quem chamava de “mestre e grande inspirador”; dedicou-se também à atividade de pesquisador e escritor e em 1906 publicou *Nova Luz Sobre o Passado* sob o pseudônimo de A. Sergipe, sua principal obra, na qual o tema é o problema da queda e da corrupção do homem.

Quando deixou o Paraná, todos os relatos que partiram da jovem intelectualidade local frisavam o quanto Justiniano de Mello se sentia desgostoso e frustrado com sua trajetória no estado. Anos antes já se percebia numa luta desigual, em que se encontrava, de um lado, os poderosos e “do outro [...] um fraco jornalista, sem influência, filho de outras terras e que segura nas mãos trêmulas uma penna quase a ser despedaçada pelo poder”.⁵⁰ De volta ao Sergipe, retomou as aulas no Atheneo e, sua próxima ocorrência biográfica encontrada foi da década de 1920, quando morava no subúrbio carioca numa situação quase miserável em que “alimentavam-se de pão, sardinha e banana”⁵¹ e foi, segundo Muricy, salvo de ser despejado por um conterrâneo que o encontrou. Depois, viveu em Minas Gerais e faleceu no Espírito Santo em 1940.

A diferença na formação proporcionada pelas duas faculdades de direito durante o Império encaixa-se bem na antinomia entre Vicente Machado e Justiniano de Mello e Silva:

“As diferenças sociais observáveis poderiam apontar para novas pistas e desigualdades. Em Recife um público mais desvinculado do domínio oligárquico rural passava a dominar as fileiras dessa faculdade, por oposição a uma clientela paulista caracterizada pelo pertencimento a uma elite econômica de ascensão recente. De Recife partiam mais claramente os gritos de descontentamen-

to (respaldados pela clara mudança do eixo político-econômico), enquanto São Paulo passava aos poucos de contestador a defensor e responsável por uma fala oficial”.⁵²

5. Leôncio Correia: trunfos políticos e êxito no jornalismo

A trajetória biográfica de Leôncio Correia (Paranaguá-PR, 1865 – Rio de Janeiro-RJ, 1950), membro das oligarquias ervateiras, é um contraponto interessante com os demais redatores nascidos no litoral: não esteve envolvido com a propaganda republicana pela sua origem familiar e a demanda por espaços de participação no campo do poder não fazia parte do seu horizonte de reivindicações. Seu pai morreu jovem, deixando o filho órfão aos seis. Foi acolhido pelos tios, tendo como patrono o Barão do Serro Azul, principal ervateiro do estado e irmão do Senador Correia, alto funcionário do Império. Pelo lado materno, contava com outro nome de peso na cena local, o Sr. Boaventura Clapp, proprietário da empresa de bondes da cidade.

Leôncio Correia teve uma trajetória escolar típica das elites imperiais e, em 1881 inaugurou sua atividade jornalística na redação do periódico literário *Futuro*, órgão da mocidade parnaguaense.⁵³ Em 1884 foi para o Rio de Janeiro cursar a Faculdade de Medicina, mas segundo seus próprios relatos perdeu-se na vida boêmia carioca e não concluiu o curso. No entanto, teve a oportunidade de conhecer os literatos que viviam na capital, circulando neste meio durante alguns anos, afinal não tinha urgência em definir uma ocupação que lhe rendesse meios de subsistência, caracterizando-se como “homem sem profissão”, conforme classificação de Miceli:

“Os ‘homens sem profissão’ eram herdeiros nascidos em famílias que monopolizavam havia muito tempo as posições de prestígio no interior da classe dirigente. Sendo originários de famílias de estirpe, cujos sobrenomes de boa cepa lhes garantiam por si só livre trânsito nos círculos dirigentes, e que estavam ligadas de diversas maneiras aos ramos econômicos dominantes, o fato de terem se encaminhado para as profissões intelectuais tem muito mais a ver com as estratégias de reprodução destas famílias”.⁵⁴

Segundo seus relatos sobre o 15 de novembro,⁵⁵ às vésperas da proclamação encontrava-se em Paranaguá prestes a embarcar em direção a Santos com a finalidade de seguir até São Paulo a convite de Rangel Pestana para participar da redação do *A Província de São Paulo*, cuja linha editorial era seguida pelo *A Republica* de Curitiba. Fora indicado para trabalhar naquele jornal por seu amigo Joaquim Monteiro de Carvalho, ex-secretário do Clube Republicano de Campinas e membro do de Curitiba.

Após a proclamação, foi secretário de Vicente Machado por pouco tempo, pois preferiu manter-se no jornalismo e fundou, juntamente com Narciso Figueiras, o *Quinze de Novembro*, que contava com o belo trabalho litográfico de Figueiras, enquanto Leôncio cuidava de política e dedicava parte do periódico para assuntos literários.

O capital simbólico e político de Leôncio Correia ficam evidentes quando, em 1891, Deodoro fechou o Congresso Nacional. Trabalhava na redação do *Diário do Commercio* do Barão do Serro Azul e posicionou-se contra o golpe; segundo Paraná,⁵⁶ foi peça-chave na articulação da subida de coronel Roberto Ferreira ao comando do estado, junto com Lamenha Lins e Joaquim Monteiro de Carvalho. Elege-se deputado estadual em 1892, participando da confecção da Constituição Estadual e reelege-se em seguida, permanecendo no cargo até 1897, quando foi eleito Deputado Federal, voltando a residir no Rio de Janeiro.

Neste ínterim, deu-se a Revolução Federalista e Leôncio Correia licenciou-se do cargo de deputado e da redação do *A Republica* para lutar ao lado da legalidade, participando do célebre “Cerco da Lapa”. Florianista, num livro sobre o Barão do Serro Azul, seu tio e antigo patrono, tenta construir uma versão dos fatos, em defesa do Marechal Floriano e de Vicente Machado com relação às perseguições e mortes ocorridas no Paraná.⁵⁷

Após o término da Revolução, assumiu o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública do Paraná. Na seqüência, Quintino Bocaiúva, que ocupava a presidência do Estado do Rio de Janeiro (1901-1903), o convidou para participar do seu governo como diretor do Ginásio Fluminense; pouco depois assumiu a diretoria do Ginásio Nacional chegando a Diretor Geral da Instrução Pública Municipal. Lecionou na Escola Normal, fundada pelo seu tio, o Senador Correia que teve ampla participação no desenvolvimento do campo educacional no Rio de Janeiro. Em 1913 foi nomeado Diretor Geral da Imprensa Nacional e do Diário Oficial, resultado

do altíssimo capital simbólico que adquiriu como jornalista. Seu itinerário biográfico demonstra o espaço político privilegiado de um descendente das oligarquias locais. Valeu-se de excelente senso de oportunidade e inseriu-se no campo político nacional com relativo êxito, consagrou-se como jornalista e ainda pôde exercer suas aptidões literárias, escrevendo e publicando suas poesias. Aprendeu com isso a jogar em várias frentes, “tendo convivido com escritores e políticos, com soldados e poetas, no Rio ou no seu querido Paraná”.⁵⁸

6. Eduardo Gonçalves, fundador do Clube Republicano de Curitiba

A trajetória de Eduardo Mendes Gonçalves é ao mesmo tempo um enigma e uma chave para compreender a teia de relações que se configurou em torno do Clube Republicano de Curitiba. A falta de dados sobre o fundador do jornal *A Republica* começa com o desconhecimento da data e do local de seu nascimento, acrescido da ausência de informações sobre sua origem familiar. Curioso o fato de uma figura tão importante ser relegada pelas fontes. Tratam-se de dificuldades freqüentes nas pesquisas sobre as elites durante o Império.⁵⁹ Os dicionários biográficos situam Eduardo Gonçalves como “natural do Paraná”, apresentado no verbete de sua esposa sem data de nascimento, localização precisa ou nome dos pais. O fato de ter se formado engenheiro permite situar sua origem social ao menos como mediana, já que a engenharia não era tão vinculada ao poder como o Direito, mas também não era acessível às camadas populares.⁶⁰

Iniciou sua vida pública no Paraná em 1884 no cargo de secretário de obras públicas do governo do Brazílio Machado,⁶¹ seu amigo. Uma série de engenheiros veio ao Paraná, para a construção da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá, onde Gonçalves atuou como chefe da 3^a subdivisão.⁶² Alguns criaram vínculos com as elites locais por meio de casamentos com membros de setores dominantes do estado,⁶³ como foi o caso de Eduardo Gonçalves que se casou com Julieta Ramos Guimarães, cujo irmão⁶⁴ foi peça importante na organização e no direcionamento do Clube Republicano de Curitiba,⁶⁵ o primeiro da cidade, fundando no

final de 1885. No ano seguinte, declarou, no primeiro editorial do *A Republica* seguir a linha dos defensores do federalismo. Em 1888 consegue eleger-se vereador suplente pelo Partido Republicano, e rapidamente foi eleito primeiro presidente da câmara municipal de Curitiba,⁶⁶ resultado do fortalecimento das redes com as elites locais. Pouco antes da proclamação, foi nomeado engenheiro da Companhia de Água e Esgoto de Campinas,⁶⁷ que reforça a idéia de sua origem paulista; pouco depois volta ao Paraná para assumir o cargo de Chefe dos telégrafos.⁶⁸

Em 1891, profere um discurso na Câmara dos Deputados em que declara que não votou em Deodoro nas eleições para a presidência, pois “não podia hesitar entre o honrado general e esse benemérito que conhecia de longa data, que via fazendo parte da brilhante patrulhada da assembléa provincial de S. Paulo [...]”,⁶⁹ numa referência a Prudente de Moraes, que perdeu as eleições para o Marechal.

É interessante observar que, assim como nacionalmente houve lutas simbólicas em torno do “verdadeiro” fundador da República no Brasil,⁷⁰ no Paraná também o mito de origem foi objeto de embate entre os grupos do *A Republica* e da União Republicana, com Eduardo Gonçalves e Correia de Freitas.

Nesse meio tempo, conforme notas do seu próprio jornal, Eduardo Gonçalves fazia freqüentes viagens a São Paulo, principalmente para Campinas. Pouco se sabe de sua vida após essa conjuntura, apenas que abandonou a política e dedicou-se novamente à profissão de engenheiro, morrendo em São Paulo em 1911.

7. Albino Silva: da propaganda à cooptação

Albino José da Silva (Paranaguá-PR, 1850 – Curitiba-PR, 1905), de origem humilde e discurso mais radical no período da propaganda, foi rapidamente cooptado e obteve menos cargos e posições nas estruturas de poder.

De família simples, perdeu o pai aos cinco anos de idade, quando foi morar com o tio, tendo sido vítima de severos e cruéis tratamentos.⁷¹ Teve uma ligeira passagem pelo mundo escolar, transformando-se num autodidata. Aos 19 anos abandonou a casa do tio rumo à capital da província. Durante a subida da serra da Graciosa feriu-se gravemente e foi

acolhido por uma senhora moradora de Campina Grande que, ao escutar seus versos o encaminhou à tipografia de Candido Lopes, onde teve oportunidade de desenvolver aptidões fundamentais na sua trajetória, já que originalmente não dispunha de capital cultural ou de relações sociais. Tal oportunidade alterou toda a sua biografia, viabilizando seu ingresso no mundo das letras, mantendo o ofício tipográfico em vários momentos do seu itinerário. O Dr. Tourinho viabilizou sua estréia na imprensa, ao encaminhar para a publicação no jornal *Íris Paranaense* alguns de seus versos. Tal rede de relações engendrou sua nomeação para amanuense da Secretaria do Governo, visto que designações para preenchimento de cargos públicos exigiam apadrinhamento,⁷² o que subordinava sua estabilidade à mudança de gabinetes e quando essa alteração ocorreu perdeu o emprego. Nesse ínterim, casou-se com a Sra. Rosa de Souza e Silva, com quem teve vários filhos.

Albino Silva tornou-se professor primário em 1880, quando foi nomeado para cadeira de ensino primário em Anhaia, distrito de Morretes em que Rocha Pombo lecionou. Partidário da escola laica, do livre pensamento e do abolicionismo, defendeu suas idéias no jornal *Guairá*, impresso em tipografia própria. Durante esse período, manteve laços com sua terra natal, escrevendo artigos para o *Livre Paraná*, onde participaram também Correia de Freitas e Nestor Victor.

Em 1888 foi convidado a lecionar em Curitiba, e aproveitou sua estadia para desenvolver suas relações com os republicanos da capital, publicando alguns artigos no jornal *A Republica*. Foi demitido do seu cargo na Instrução Pública, segundo consta, devido ao radicalismo com que defendia a República. Pouco depois retornou à sua terra natal e lá fundou o jornal *Pátria Livre*, em 1889, impresso numa oficina sua.⁷³

Seu posicionamento nesse período pré-Proclamação pode ser enquadrado numa perspectiva mais radical, perceptível na defesa da via revolucionária para a mudança de regime, como num artigo inspirado na comemoração à Revolução Francesa.⁷⁴ Com a mudança de regime e a ascensão do grupo de Vicente Machado ao poder local, o *Pátria Livre* passou a seguir a linha do *A Republica* de Curitiba.⁷⁵ Sua rápida adesão pode ter sido fruto de sua difícil situação financeira e da expectativa de ascensão. Cooptado, valeu-se do capital simbólico para entrar na disputa pela legitimidade do grupo de Vicente Machado.⁷⁶

O auge de sua carreira foi como deputado da Constituinte Estadual em 1892, tendo que se contentar em seguida com o cargo de delegado literário do ensino.⁷⁷ Todavia, uma observação retrospectiva da sua origem social, que não lhe proveu uma passagem satisfatória pelo sistema de ensino e tampouco qualquer capital de relações sociais, transforma este momento da sua trajetória numa grande vitória.

Em janeiro de 1893 aparece como redator da *Folha Nova* de Domingos Nascimento,⁷⁸ com subtítulo *Conservar a República, para melhorá-la*. Quando a Revolta da Armada eclodiu em 1893 alistou-se voluntariamente no “batalhão patriótico 23 de novembro” para lutar junto à legalidade.⁷⁹ Florianista, foi capitão ajudante do 7º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional, aquartelado em Curitiba durante a Revolução Federalista. Quando os maragatos se aproximavam da capital, abandonada pelos governantes, participou da expedição de Itararé que guardou a cidade onde Vicente Machado se refugiou. Após o término da Revolução estabeleceu-se lá, onde foi agente do registro fiscal e Prefeito eleito pelo Partido Republicano Federal de São Paulo.⁸⁰ Findo o mandato, voltou ao Paraná em 1899 e retomou a profissão de tipógrafo, fundando e imprimindo em Ponta Grossa um jornal com o nome da cidade. Em verdade, “O novo regimen, pelo qual tanto batalhou, não alterou a vida do impoluto paranaense, que não tomou parte do banquete onde muita gente entrou de ração e saiu milionária... Albino Silva nasceu e morreu pobre”.⁸¹

8. Menezes Dória, o maragato fanático

João de Menezes Dória (Paranaguá-PR, 1857 – Rio de Janeiro-RJ, 1934) é personagem com trajetória eclética no grupo de redatores. Oriundo de família mediana do litoral: seu pai, o italiano Luis Dória, era casado com Adelaide de Menezes, pianista de uma família de artistas cujo principal expoente era o irmão, maestro Bento Antônio de Menezes,⁸² não possuía vínculos de parentesco com as elites políticas e econômicas do estado. A situação econômica da família pôde, no entanto, modificar esse quadro, ao viabilizar a ascensão do filho pela formação em Medicina em 1879, passe de entrada para o campo da política, mediado pelo exercício do jornalismo, para onde levou sua visão médica, pois,

“Na ótica médica o objetivo era curar um país enfermo, tendo como base um projeto médico-eugênico, amputando a parte gangrenada do país, para que restasse uma população de possível ‘perfectibilidade’. O ‘homem de direito’ seria um assessor que colocaria sob forma de lei o que o perito médico já diagnosticara e com o tempo trataria de sanar”.⁸³

Em 1881 foi residir em Ponta Grossa, onde atendia às famílias dos fazendeiros da região, o que definiu sua aproximação com os políticos do Partido Liberal, principais colaboradores dos revoltosos gaúchos. Durante o período em que residiu nos Campos Gerais, arrecadou capital econômico que viabilizou seu ingresso no jogo político do estado confirmando o processo em que os profissionais liberais estavam ganhando espaço entre as elites, menos homogêneas: “menos magistrados, menos militares, mais advogados, mais profissionais liberais”.⁸⁴

Após a Proclamação da República, Dória estreou no mundo das letras como amanuense interino da Secretaria de Polícia, mas pediu exoneração por ter sido nomeado responsável para confeccionar os estatutos da Sociedade Promotora da Instrução. Em 1890 assumiu a redação do *Quinze de Novembro* de Narciso Figueiras, após a saída de Leôncio Correia. Dória não tardou a iniciar ataques ao governo e se posicionou contra Vicente Machado, pelo que foi retirado da redação, por ir contra a proposta de neutralidade de Figueiras.

Ao discursar numa cerimônia política com tom crítico e irreverente sobre o governo, indignou os governistas que articularam sua prisão. Como ensina Bourdieu, as relações de comunicação não são somente intercâmbios lingüísticos, mas relações de poder simbólico nas quais se atualizam as relações de força entre os locutores e seus grupos.⁸⁵ Dória foi solto no Rio de Janeiro em junho de 1890. A oposição “comoveu-se” com sua causa e logo o evento lhe rendeu um bom capital simbólico: após a eleição de Generoso Marques, foi presidente da Assembléia Legislativa, como líder da maioria liberal.

Durante a Revolução Federalista suas tomadas de posição ficaram mais radicais, tornando-se um exaltado federalista. Em julho de 1892, com companheiros tentaram derrubar Vicente Machado. Pouco depois do comando militar da capital e do governador deixarem Curitiba, Dória

entrou na cidade à frente de uma tropa de 150 cavaleiros e foi aclamado governador do Paraná.

No período em que comandou o estado, no jornal *A Federação* redigiu violentos editoriais, “numa guerra sem tréguas à política que espoliara o seu partido”.⁸⁶ Corria a notícia de que João Menezes Dória, “ilustre governador do estado que tantos e tão inolvidáveis serviços há prestado á causa da Revolução e da República deverá seguir para Buenos Aires em importante missão a fim de acelerar os movimentos do exército libertador”. Alguns colocam como fuga, outros que se tratava de uma reorganização das forças. Só retornou ao Paraná quando Floriano deu anistia aos refugiados.

Após esses eventos, pouco se sabe da sua trajetória. Foi deputado federal em 1908 e em 1917 participou do movimento que trouxe a Cruz Vermelha para o Paraná. A trajetória de Menezes Dória, nascido no pólo dominado do campo do poder, valeu-se de uma estratégia de combate aos conservadores florianistas paranaenses numa tentativa de subverter a ordem dominante. Suas tomadas de posição foram “da pena à espada”, reflexo do recrudescimento das tensões e do total desequilíbrio na balança de poder gerado pela chegada do novo regime.

9. Chichorro Júnior, o radical ético

Joaquim Procópio Pinto Chichorro Júnior (Antonina-PR, 1866 – Curitiba-PR, 1926) chegou a iniciar o curso de direito, mas não o concluiu. Aos 19 anos publicou seu primeiro livro, *Vozes Livres*, com poemas que defendiam a abolição da escravatura. São poucas as fontes biográficas sobre este escritor, todavia, sua passagem pela Faculdade de Direito de São Paulo aponta para uma situação financeira pelo menos mediana, uma vez que tais incursões eram bastante custosas naquele período. Entretanto, o fato de não ter concluído o curso pode ser sinal da perda da possibilidade familiar para financiar seus estudos.

Migrou para o segundo planalto, casando-se em 1887 em Piraquara e no ano seguinte figurando como jornalista em Curitiba na revista de Narciso Figueiras, *Galeria Ilustrada*, que, segundo Pereira,⁸⁷ foi a primeira grande revolução gráfica da imprensa paranaense. No primeiro número: Barão do Serro Azul, Rocha Pombo, Nestor de Castro, Chichorro

Júnior e alguns nomes nacionais. O caráter moderno e elitista da publicação é evidenciado em seu programa:

“A Galeria Illustrada será um jornal de typo europeu, dando aos seus leitores páginas ilustradas, com paisagens, retratos de homens celebres, [...] poderá marchar desassombadamente na arena do jornalismo moderno, e desempenhar fielmente o grande papel que os seus contemporâneos representam na liça das grandes e momentosas questões que ora revolucionam o ânimo nacional”.⁸⁸

Assim, sua estréia se deu num periódico renomado, o que lhe permitiu rápido acúmulo de capital simbólico, e fez com que fosse convidado em 1888 para assumir a redação do *A República* no lugar de Eduardo Mendes Gonçalves. Com isso, inseriu-se rapidamente na rede de sociabilidade que girava em torno do Clube Republicano de Curitiba, sendo eleito, em maio de 1889, seu secretário. Após a Proclamação da República, o Partido Republicano local auto-nomeou uma comissão executiva para reger os interesses do partido, composta por Vicente Machado, Francisco Torres, Chichorro Júnior, Mauricio Sink e Ernesto Lima. Chichorro deixou a redação do jornal em janeiro de 1890 para assumir um cargo na burocracia local como procurador fiscal do tesouro do estado. No mês seguinte, uma moção foi apresentada à Assembléia com o intuito de depor a comissão executiva, e Chichorro Júnior votou a favor:

“Não deve parecer estranho o meu procedimento votando em favor da moção apresentada pelos patriotas republicanos, porquanto, embora faça parte da comissão executiva, com ella estive sempre em desaccordo profundo e radical. [...] Voto pois a favor da moção apresentada, porque, desde que a Comissão executiva com a maioria de quatro membros abusou do poder que provisoriamente lhe foi confiado, não pode merecer mais a confiança do partido republicano e dos signatários das Instruções centralizadoras e absorventes”.⁸⁹

Tal tomada de posição o colocou ao lado dos ex-liberais comandados por Generoso Marques, fruto do seu desajuste dentro do grupo

“vicentista”. Em seguida, elaborou um projeto de lei orgânica do Partido Republicano Paranaense, publicado pelo *Quinze de Novembro* na data em que Chichorro Júnior e Menezes Dória aparecem como redatores. Filiou-se à União Republicana assim que foi fundada, cujo periódico era o *Diário do Paraná* redigido por Nestor Victor, e que durou apenas alguns meses, dadas as restrições à liberdade de imprensa.

Quando voltou a ser publicado, novamente por prazo curto, em novembro de 1891, eram seus redatores Menezes Dória, Chichorro Júnior e Cunha Brito.⁹⁰ Com o golpe de Deodoro e o apoio dado pela Assembleia Legislativa, da qual Chichorro Júnior participava, o jornal perdeu o apoio e em fevereiro 1892 surge a *Federação*, dirigida pelos mesmo três redatores do *Diário do Paraná*, com linguagem polêmica e de oposição ao florianismo.

Durante a Revolução Federalista, fez parte do grupo que apoiou abertamente os maragatos junto com Menezes Dória e Justiniano de Mello, enquanto outros forneceram um apoio mais “velado” como Rocha Pombo e de certa forma o próprio Barão do Serro Azul. Foi secretário geral do governo revolucionário no Paraná. Depois desse período sua próxima ocorrência biográfica foi em 1897 quando escreveu para a Revista *Galáxia*.⁹¹ No ano seguinte publicou sua principal obra, *Deus Social*, um ensaio filosófico. Trabalhou na redação da *Gazeta do Povo* e em 1901 foi nomeado professor do Ginásio Paranaense e da escola normal.⁹² Em 1904, foi eleito deputado estadual e nomeado secretário de obras públicas e colonização. Em seguida, foi secretário de finanças até 1912. Posições que indicam alta concentração de capital simbólico, afinal eram cargos importantes na estrutura de poder estadual num período em que a conciliação entre maragatos e pica-paus locais ainda não se efetivara.

Percebe-se em seu itinerário biográfico um acúmulo de posições de poder, a despeito de suas tomadas de posição em oposição ao grupo “vicentista” e de suporte à Revolução Federalista.

10. Nestor Victor, o beletrista parnanguara

Personagem de trajetória longa, biografia extensa, produção volumosa, Nestor Victor (Paranaguá-PR, 1868 – Rio de Janeiro-RJ, 1932) é

considerado um dos maiores intelectuais de Paranaguá. Ocupou posição importante no campo intelectual nacional na posição de crítico do movimento simbolista, onde se consagrou.⁹³

Filho de um pequeno comerciante, tendo sua mãe vínculos familiares com os fazendeiros da baixada do Rio de Janeiro,⁹⁴ Nestor Victor era o caçula dos cinco filhos do casal, cujo primogênito, Francisco Norberto teve papel importante em vários momentos da trajetória do irmão mais novo.

Realizou seus estudos primários na escola do professor Cleto da Silva, que lhe exerceu grande influência, assim como o professor Francisco Machado, conforme descreveu no artigo “Meus dois mestres”.⁹⁵ Cleto, bastante crítico, removido para Curitiba à revelia de sua vontade, fazia oposição à elite dominante local e principalmente ao chefe conservador da cidade, o Visconde de Nácar, e “só com oposicionistas convivia, na farmácia de um deles”. Francisco Machado, tradutor público de Paranaguá e professor de francês e inglês, foi de quem recebeu os primeiros estímulos para a produção literária. A afinidade entre os dois também rendeu para o jovem aluno lições extra-classe de italiano, alemão e latim.⁹⁶

Sua família situava-se entre os setores médios, possivelmente em declínio, tanto que Nestor Victor adjetivou que, aos 17 anos, apesar de “pobrezinho”, foi enviado a Curitiba para dar seqüência aos seus estudos no Instituto Paranaense, o que indica que a família apostou seu capital econômico disponível na educação do filho. Em 1887, voltou a Paranaguá e se engajou no movimento republicano, o que despertou “grande euforia cívica”⁹⁷ no jovem que vivia o auge do seu idealismo político. Participou da fundação do clube na Loja Perseverança de Paranaguá, redigindo como secretário, sua ata de fundação.⁹⁸ Inserido na pequena rede de republicanos, contribuiu com o *Livre Paraná*, onde desenvolveu laços de amizade com Correia de Freitas, para ele o “apóstolo da República no Paraná”. Em 1888 participou da fundação da Confederação Abolicionista do Paraná comandada pelo Major Sólon Ribeiro. Em seguida sua família, que almejava torná-lo engenheiro, encaminhou-o para o Externato João de Deus, no Rio de Janeiro, onde fez os preparatórios para a Escola Politécnica, objetivando a ascensão social, mas Nestor Victor demonstrava aversão a este tipo de estratégia:

“Um pintor, um poeta, um inventor mecânico, não poderão fruir no Brasil do prestígio social que tem um doutor, só porque o é, a não ser que recorram a outros meios que não os seus méritos propriamente ditos. Mesmo quando acontece ser um indivíduo um jornalista notável, e até mostrar qualidades para a política, se não se trata de um homem formado facilmente o pretere qualquer bacharel da última nulidade nos cargos mais altos da governança ou representação”.⁹⁹

Pouco antes de retornar ao Paraná em 1889, conheceu Cruz e Souza,¹⁰⁰ com quem desenvolveu uma amizade muito importante em sua trajetória; voltou a Curitiba onde escreveu poesias e engajou-se na disputa política local através do jornalismo. O recém-nomeado governador Américo Lobo, tentou cooptá-lo oferecendo-lhe o cargo de chefe de gabinete, o qual recusou por divergências políticas com o grupo de Vicente Machado. Indo além, assumiu a redação do jornal da União Republicana da oposição, combatendo também o Barão do Serro Azul, acusando-o de “cacique que está comandando os republicanos exclusionistas do estado”, que não abriam brechas para a participação dos ex-liberais. Recusando a cooptação e mantendo-se firme na oposição aos “vicentistas”, intercedeu pela ascensão política de Correia de Freitas, e o apoiou na luta simbólica pelo mito de fundação do movimento.

Mas este período de militância política e jornalística durou pouco. Desiludiu-se com o pacto firmado entre a União Republicana e o governo de Serzedelo Correia para a eleição dos senadores e deputados para Constituinte de 1891, deixou a redação do jornal e voltou a Paranaguá, onde encontrou dificuldades para exercer uma profissão que lhe agradasse.¹⁰¹ Seu pai havia falecido e seu irmão Norberto cuidava da mãe e das irmãs. Na leitura biográfica de Andrade Muricy, foi um período em que seu interesse central era a política,¹⁰² mas logo direcionou sua trajetória para a literatura. No final de 1890, quando esteve em Desterro encontrou novamente Cruz e Souza, estreitando os laços da amizade.¹⁰³ Em 1891 mudou-se novamente para o Rio de Janeiro, onde escreveu artigos para alguns jornais e diante do golpe de Deodoro adotou posição de crítica mordaz. Casou-se com Catarina Coruja em 1892, neta de um reconhecido professor de português gaúcho, reforçando simbolicamente a aliança com

as letras. Tornou-se florianista e foi indicado para Vice-Diretor do Internato do Ginásio Nacional. No mesmo período, foi convidado por Quintino Bocaiúva para redigir *O País*, aceitando colaborar periodicamente. No Ginásio Nacional aproximou-se de Sílvio Romero, João Ribeiro e Rui Barbosa, que lecionavam na instituição. O contexto de agitação política, encerrou-se com o pleito e Nestor Victor apoiou Prudente de Moraes.¹⁰⁴

Em 1896 escreveu uma monografia sobre a obra do amigo Cruz e Souza e no ano seguinte lançou *Signos*, com edição custeada pelo irmão, e ajudou, na medida do possível, o amigo Rocha Pombo, que se mudara para o Rio de Janeiro. A morte de Cruz e Souza em 1898 foi uma perda dolorosa e, a partir de então, empenhou-se na divulgação de sua obra. Em 1901 deixou o cargo no Ginásio Nacional e foi para Paris, com o respaldo financeiro do irmão. Foi correspondente de *O País e Correio Paulistano*, além de ter sido encarregado da educação dos filhos do Barão do Rio Branco e tradutor e revisor da Editora Garnier.

Retornou ao país em 1905 e no ano seguinte iniciou o trabalho de crítico da revista *Os Anais* e retomou suas atividades docentes na Escola Normal e no Externato do Colégio Pedro II. Participou da campanha civilista e em 1908 representou o Paraná na Convenção Nacional que escolheu Rui Barbosa¹⁰⁵ candidato da oposição, mantendo-se contra o predomínio das oligarquias.

Em 1912 já era um renomado escritor no Rio de Janeiro, quando recebeu do governador do Paraná uma encomenda para escrever um livro de divulgação do Paraná que resultou em *Terra do Futuro*. Este fato é indicativo de que nessa fase se desenvolveram as condições sociais favoráveis à profissionalização do trabalho intelectual, sobretudo em sua forma literária.¹⁰⁶

Durante a Primeira Guerra Mundial participou da fundação da Liga Brasileira pelos Aliados, ao lado de Rui Barbosa e José Veríssimo. Em 1917 foi eleito deputado para o Congresso Legislativo do Paraná; em 1918, passou a lecionar francês na Escola Superior de Comércio e no ano seguinte recebeu a “Ordem de Leopoldo” da Coroa da Bélgica das mãos do Rei Alberto, e foi reeleito para o Congresso Legislativo do Estado, com mandato até 1921. Em 1923 publicou as obras completas de Cruz e Souza e foi condecorado Cavaleiro da Legião de Honra da França. No ano seguinte publicou uma biografia do amigo Rocha Pombo e,

em 1925, assumiu o cargo de crítico literário oficial do jornal *O Globo*. Em 1928 colaborou no *O Estado de S. Paulo*.

O itinerário biográfico de Nestor Victor é exemplo bem-sucedido nas teias de interdependência entre as esferas política, literária e jornalística. Teve habilidade e senso de oportunidade para manter-se bem posicionado nos campos político e intelectual até o final da Primeira República. Sua atuação como homem de letras lhe rendeu capital simbólico suficiente para que encontrasse espaço no campo político. Se, num primeiro momento, seu idealismo o afastou das profissões masculinas como a engenharia e a política, “compensa a falta do ensino formal e a não posse de diplomas mediante a produção sistemática, da tradução/divulgação de autores reconhecidos e permanecendo vinculado aos sistemas formais de ensino”.¹⁰⁷ Obtém posição no campo literário brasileiro como o crítico oficial do movimento simbolista, com essa atividade sempre perpassada pela sua militância política.

11. Quadro e Análise Prosopográfica

O quadro (páginas adiante) buscou agregar dados que permitem visualizar o perfil social do subgrupo de redatores biografados, analisando-os comparativamente, realçando pontos em comum e apontando diferenças significativas. Aponta para dados resumidos, incluindo alguns presumidos, não encontrados nas fontes, mas que se basearam nas trajetórias e posicionamentos, o que envolve os determinantes sociais que determinaram a produção das fontes, pois a sua disponibilidade está relacionada com o poder: quanto mais se desce na escala social, maiores são as dificuldades de encontrar fontes satisfatórias.

O exame das trajetórias mostrou a importância dos círculos familiar e de sociabilidade, enquanto o contexto demonstrou a influência da modernização e da expansão das instituições que abrigaram estes letrados afinal, “a rentabilidade do capital de relações sociais depende, no limite, das exigências do trabalho de dominação”.¹⁰⁸

Percebe-se que a origem social determina o direcionamento para a carreira de jornalismo, na medida em que se trata de um grupo de letrados no final do século XIX, marca de distinção social num país de analfabetos. Mais que isso, a maioria veio dos setores médios, em ascensão

<i>Redatores</i>	<i>Local / Data Nascimento</i>	<i>Profissão do pai</i>	<i>Curso superior</i>	<i>Profissão</i>	<i>Capital de rel. sociais</i>	<i>Partido (Império)</i>	<i>Golpe de Deodoro</i>	<i>Partido (República)</i>
Albino Silva	Paranaguá, 1850		Autodidata	Tipógrafo, professor, jornalista	Trabalhou na Tipografia Lopes	Clube Repub. de Paranaguá	Contra	PRF
Chichorro Júnior	Antonina, 1866		Direito (SP) (interrompido)	Jornalista	Trabalhou na Galleria Ilustrada	Clube Repub. de Curitiba	A favor	URP
Correia de Freitas	Paranaguá, 1853	Capitão	Autodidata	Várias ocup.; propagandista republicano	Rel. familiares; ligações c/ mov. republ.nacional	Clube Repub. de Paranaguá	Contra	URP
Eduardo Gonçalves			Engenharia (RJ)	Engenheiro, jornalista	Relações com republicanos paulistas	Clube Repub. de Curitiba	Contra	PRF
Justiniano de M. Silva	Laranjeiras (SE), 1853	Advog., secr. de Frei Caneca	Direito (PE)	Professor, político, jornalista	Elites nordestinas	Conservador	A favor (presumido)	Operário (URP)
Leôncio Correia	Paranaguá, 1865		Medicina (interrompido)	Professor, político, jornalista	Elites ervateiras; sobr. Barão do S. Azul	Conservador	Contra	PRF
Menezes Dória	Paranaguá, 1857	Imigrante italiano	Medicina (RJ)	Médico, Político	Médico nos Campos Gerais	Liberal	A favor	URP
Nestor Victor	Paranaguá, 1868	Comerciante		Professor, político, crítico literário	Apoio do irmão mais velho	Clube Repub. de Paranaguá	Contra	URP
Rocha Pombo	Morretes, 1857	Professor, vereador	Direito (RJ)	Professor, escritor, jornalista, historiador	Apadrinhado pelo Barão do S. Azul	Conservador	Contra	Nenhum (anarquista)
Vicente Machado	Castro, 1860	Capitão	Direito (SP)	Advogado, jornalista, político	Família vinculada ao gado e crva-mate	Liberal até 1888; depois republicano	Contra	PRF

<i>Redatores</i>	<i>Cargos políticos</i>	<i>Posição diante da Rev. Federalista</i>	<i>Tipo de atividade intelectual</i>	<i>Ideologia pré-República</i>	<i>Ideologia pós-República</i>	<i>Principais jornais</i>
Albino Silva	Constituinte estadual - 1892	Florianista; lutou junto à legalidade	Poeta, redator	Liberal Radical	Federalismo	Livre Paraná, Pátria Livre
Chichorro Júnior	Secretário do Tesouro do Paraná; deputado	Federalista; secretário do governo revolucionário	Escritor e redator	Federalismo / Positivismo	Federalismo	A República, Diário do Paraná
Correia de Freitas	Deputado federal	Federalista (presumido)	Redator	Positivismo / socialismo	Federalismo	Livre Paraná, Diário do Paraná
Eduardo Gonçalves	Vereador suplente; Constituinte federal em 1891	Legalista (presumido)	Redator	Positivismo / Federalismo	Federalismo	A República
Justiniano de M. Silva	Deputado provincial e estadual	Federalista (presumido)	Redator, poeta, historiador	Monarquista Liberal	Socialismo	Sete de Março
Leôncio Correia	Deputado estadual e federal; diretor Imprensa Nacional	Florianista, lutou no cerco da Lapa	Poeta, redator	Positivismo / Federalismo	Federalismo	Gazeta Paranaense, Quinze de Novembro, A República
Menezes Dória	Constituinte estadual em 1891; deputado	Federalista, foi governador provisório do Paraná	Redator	Monarquista Liberal	Parlamentarista (presumido)	Quinze de Novembro, Diário do Paraná
Nestor Victor	Deputado federal	Desconhecida	Crítico literário, redator	Liberal / Positivismo	Civilista	Livre Paraná, Diário do Paraná
Rocha Pombo	Deputado provincial e federal	Simpático aos federalistas	Escritor, historiador, redator	Republicano Evolucionista	Anarquista	O Povo, Gazeta Paranaense
Vicente Machado	Deputado provincial; senador; governador do Paraná	Legalista, florianista	Redator	Positivismo / Federalismo	Federalismo	A República

ou declínio, e apenas dois eram membros das elites dominantes: Vicente Machado e Leôncio Correia, cujas passagens pelo mundo das letras foram estratégias de manutenção do trabalho de dominação dessas famílias, como uma etapa da sua carreira política. Os dois acumularam maiores posições no campo do poder e tiveram quantidade de fontes satisfatórias. No caso de Vicente Machado, detentor de alta concentração de poder, o peso da sua posição na configuração do campo político definia a constituição dos grupos, a favor ou contra ele. Mas a maioria não tinha origem oligárquica e sua possibilidade de inserir-se no campo político ocorreu mediante a prestação de serviços às elites políticas e econômicas.

Outro aspecto interessante é que metade dos redatores analisados nasceu em Paranaguá. Apenas um dos Campos Gerais e dois de outros estados (São Paulo e Sergipe). Este dado converge com o fato de que o litoral era o centro cultural da província à época de seus nascimentos e primeiros processos de socialização; foi o berço do movimento republicano paranaense, impulsionado por membros dos setores médios, correspondentes à origem da maioria dos redatores analisados. Percebe-se que as elites ervateiras direcionaram seus investimentos para a criação de um campo de produção cultural e apostaram na disseminação de jornais e na cooptação de jornalistas, como foi o caso de Rocha Pombo e Justiniano de Mello.

O ensino superior teve peso importante para alguns: para o capital cultural de Justiniano de Mello, para a vinda de Eduardo Gonçalves ao Paraná, para a conversão de Menezes Dória em político e para a militância política de Vicente Machado, sendo que dois redatores iniciaram sua formação superior, mas não a concluíram: Leôncio Correia e Chichorro Júnior. O autodidatismo mostrou-se igualmente relevante para Rocha Pombo (que se formou somente aos 55 anos), Albino Silva, Correia de Freitas e, de certa forma, para o próprio Nestor Victor, embora tenha tido um processo escolar formal mais desenvolvido. Percebe-se que, como grupo, compunha uma elite detentora de alto capital cultural, a maioria vinculada a instituições do mundo das letras e mais da metade escreveu obras para além do jornalismo.

A maioria dos biografados ingressou jovem no mundo das letras e teve alguma experiência jornalística antes de ter sido redator, e igualmente

para muitos a função “persistiu” com outras incursões pela imprensa durante suas trajetórias. Diante das dificuldades de viver da escrita no final do século XIX, envolveram-se em diversas atividades, sendo as mais recorrentes a educação e a política. Quase todos tiveram incursões no campo educacional, para a metade foi lócus privilegiado de seus investimentos intelectuais, como para Rocha Pombo, Justiniano de Mello, Leôncio Correia, Albino Silva e Nestor Victor. Na relação com a política, todos exerceram cargos em nível municipal, provincial e (ou) estadual e federal. Metade dos redatores foi vinculada a partidos monárquicos e a outra, composta de propagandistas republicanos. Após a Proclamação, quatro estiveram ligados ao PRF de Vicente Machado, outros cinco estiveram vinculados à União Republicana do Paraná, um deles ao movimento operário e um se tornou anarquista. Logo, a maioria posicionou-se contra o grupo dominante no período analisado, o que não significa que tivessem se afastado das elites.

Em suma, trata-se de um subgrupo que, embora dominado no interior do campo político, participou do jogo das elites como prestadores de serviços cooptados e como estratégia para a obtenção de melhores posições. Militaram na imprensa, participaram da construção de um campo cultural, da ampliação dos processos educacionais e, não menos importante, da ação política *stricto sensu*, o que atesta que a atividade intelectual era política, e que a imprensa foi veículo fundamental na construção de ideários e da cultura política brasileira no final do século XIX quando os jornalistas não tinham a pretensão de simplesmente informar, mas engajavam-se e participavam ativamente dos jogos do poder da sociedade.

Notas

* Universidade Federal do Paraná

¹ Este artigo é fruto da pesquisa de dissertação de mestrado intitulada *Imprensa e Política no Paraná: prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná.

² HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites: à guisa de introdução. In: _____. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 9.

- ³ Ibid., p. 12.
- ⁴ BOURDIEU, Pierre. A representação política: elementos para uma teoria do campo político. In: O poder simbólico. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 174-177.
- ⁵ Para entender as idéias de certos grupos, devemos examinar sua estrutura e suas experiências, afinal, maneiras de pensar não ocorrem por acaso; somente a análise das configurações poderá nos dar explicações satisfatórias quanto a tais opções ideológicas.
- ⁶ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 292.
- ⁷ ROY, Fernando; SAINT-PIERRE, Jocelyn. A alta redação dos jornais de Quebec (1850-1920). In: HEINZ, Flávio M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 204-205.
- ⁸ MICELI, Sérgio. Biografia e cooptação. In: *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 347.
- ⁹ MICELI, Sérgio. Poder, sexo e letras na república velha. In: *Intelectuais à brasileira*. Op. cit., p. 55.
- ¹⁰ LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos? *Educ. Soc.*, v. 23, n. 78, p. 37-55, abr. 2002.
- ¹¹ Cf. MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. Op. cit.
- ¹² QUELUZ, Gilson Leandro. *Rocha Pombo: romantismo e utopias (1880-1905)*. Curitiba, 1994. (Dissertação de Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1994, p. 30.
- ¹³ Sua produção simbólica reflete seu processo de desencantamento com a política, como em *Petrucello*, de 1892, em que critica a forma republicana, o Estado e o militarismo, indicando sua aproximação com o anarquismo, simbólica e 'real', pois defendeu Giovani Rossi e a Colônia Cecília.
- ¹⁴ CARVALHO, J. M. de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 25.
- ¹⁵ BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Sonho e Invenção do Paraná: geração simbolista e construção da identidade regional*. (Tese de Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
- ¹⁶ Segundo OLIVEIRA, Ricardo Costa de. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e Estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001, p. 269, o título "Carrasco dos Reis" foi um dos núcleos que formavam o centro de gravidade da classe dominante do Paraná.
- ¹⁷ NEGRÃO, Francisco. *Genealogia paranaense*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1950, v.6, p. 66.
- ¹⁸ No sentido utilizado por Miceli, que distingue carreiras masculinas dominantes

(política) e dominadas (militar) e as femininas, como eclesiástica e intelectual. Cf. MICELI, *Intelectuais...*, op. cit.

- ¹⁹ Cf. CARVALHO, J. M. de. *A construção da ordem/teatro das sombras*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- ²⁰ SOUZA, André Peixoto. *Do discurso jurídico-acadêmico ao discurso político: elementos para a constituição de um sujeito político no Império Brasileiro*. (Dissertação de Mestrado em Direito). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2003.
- ²¹ ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 147.
- ²² *Gazeta Paranaense*, 6 jan. 1883.
- ²³ Bacharel em Direito pela Academia de São Paulo, onde conheceu Vicente Machado.
- ²⁴ *Anaes da Assembléia Legislativa do Paraná*, 34.a Sessão Ordinária, 5 set. 1888, p. 194 e segs.
- ²⁵ *A República*, 7 dez. 1888.
- ²⁶ *Diário do Paraná*, 9 jul. 1890. Redator: Nestor Victor.
- ²⁷ NEGRÃO, *Genealogia...*, op. cit., v. 3, p. 392.
- ²⁸ CARVALHO, J. M. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ²⁹ NEGRÃO, *Genealogia...*, op. cit., v. 3, p. 388.
- ³⁰ O jornal *Patria Livre* de agosto de 1889 publicou uma carta de Manoel Correia de Freitas em que ele relata como estava se dando o Congresso Republicano em Juiz de Fora, onde ele se encontrava junto com 'Quintino' e outros companheiros. Relatou também que "Nossa província e a de Santa Catarina foram ahi saudadas com entusiasmo, porém eu ouvia com certa dor esse entusiasmo pelo facto de reconhecer intimamente que o pouco desenvolvimento das idéas democráticas no Paraná, estava longe de corresponder aos vivas sympathicos e as esperanças dos grandes centros republicanos".
- ³¹ Jacobino e Presidente do Clube Tiradentes (Cf. CARVALHO, J. M. de. *A formação...*, op. cit., p. 69).
- ³² CARVALHO, J. M. de. *A construção...*, op. cit., p. 83.
- ³³ CARVALHO, J. M. de. *A formação...*, op. cit., p. 69.
- ³⁴ NASCIMENTO JÚNIOR, *Correia Defreitas: sua vida e sua obra. Homenagem da Prefeitura de Paranaguá ao transcurso de seu centenário*. [s.d.], p. 12.
- ³⁵ *A Republica*, 07 jul. 1891, Anno VI, n. 444, p. 1.
- ³⁶ BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*, 1899. v. 5, p. 274.
- ³⁷ VELLOZO, Dario. Justiniano de Mello. *O Cenáculo*, ano I, tomo I, 3º fasc., p. 59-

- 61, jun. 1895.
- ³⁸ DANTAS, Luiz Carlos Rollemberg. Justiniano de Melo e Silva, filósofo e historiador. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, v. 16, n. 21, p. 258-263, 1955.
- ³⁹ Seu filho, o Coronel Wallace de Mello e Silva, foi camarista em Curitiba e deputado estadual em 1930; seu neto, Wallace Thadeu de Mello e Silva, foi prefeito de Curitiba em 1951, e seus bisnetos, Roberto Requião de Mello e Silva e seu irmão Maurício, foram respectivamente, prefeito, senador e governador do Paraná e deputado federal (Cf. OLIVEIRA, op. cit., p. 288).
- ⁴⁰ ALVES, Eva Maria Siqueira. *O atheneu sergipense: uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudo 1870-1908*. (Tese de Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.
- ⁴¹ GUARANÁ, Armindo. *Diccionario bio-bibliografico sergipano*. Rio de Janeiro: Paulo, Pongetti & Cia, 1925, p. 191.
- ⁴² O nome do jornal provavelmente se refere à data da outorga da Constituição de 1824.
- ⁴³ O nome do jornal dessa vez provavelmente se refere à data em que subiu o gabinete conservador comandado pelo Visconde do Rio Branco em 1871.
- ⁴⁴ POMBO, *O Paraná no centenário*. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1900, p. 296.
- ⁴⁵ MURICY, Andrade. *O símbolo: à sombra das araucárias* (Memórias). Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1976, p. 290.
- ⁴⁶ *Gazeta Paranaense*, 13 fev. 1889, n.35, p. 2. Proprietário e redator: Benedito Carrão.
- ⁴⁷ A República, 19 dez. 1889.
- ⁴⁸ *Diário do Paraná*, 7 jun. 1890.
- ⁴⁹ *Diário do Paraná*, 16 ago. 1890.
- ⁵⁰ *Sete de Março*, 28 jan. 1888, Ano I, n. 41.
- ⁵¹ MURICY, *O símbolo...*, op. cit., p. 295.
- ⁵² SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 187.
- ⁵³ O Sr. Leôncio Correia. *Revista do Paraná*, n. 4. Edição Fac Símile.
- ⁵⁴ MICELI, Sérgio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil. In: *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 106.
- ⁵⁵ CORREIA, Leôncio. *A verdade histórica sobre o 15 de novembro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939, p. 221-222.
- ⁵⁶ PARANÁ, Sebastião. *Galeria paranaense*. Ed. Comemorativa do 1º centenário da

Independência do Brasil, 1922.

- ⁵⁷ CORREIA, Leôncio. *Barão do Serro Azul*. Edição do Dr. Dicesar Plaisant, 1942. p. 68-69.
- ⁵⁸ ALENCAR, Edigar de. *O suave e ameno historiador*. Curitiba: Edição Prata de Casa, 1957.
- ⁵⁹ CARVALHO, J. M. *A construção...*, op. cit., p. 18.
- ⁶⁰ Há um forte indício de que Eduardo Mendes Gonçalves tenha nascido no Estado de São Paulo. Primeiro pela inexistência de dados sobre a sua origem disponíveis no Paraná, somada às suas estreitas relações com as elites paulistas. Seu cunhado trabalhou durante muitos anos com Antonio Prado, que era parceiro político do Conde de Prates, cujo irmão era casado com Elvira Mendes Gonçalves Prates, que, acredita-se, era irmã de Eduardo Mendes Gonçalves. Contudo, trata-se apenas de uma hipótese, até agora não comprovada. Devido a essa série de evidências, entre outras que aparecerão no decorrer do texto, esta análise partirá da perspectiva de que Eduardo Gonçalves é paulista. Por exemplo, numa passagem do Diário do Paraná de 19/08/1890, o redator em determinado momento menciona: “antes do Dr. Gonçalves chegar nesta terra” etc.
- ⁶¹ Foi no seu governo que Vicente Machado, que o conheceu em São Paulo, decidiu filiar-se ao Partido Liberal.
- ⁶² TOURINHO, Luiz Carlos Pereira. Engenheiros da ferrovia. In: *Toiro passante: II tempo de província*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1986, p. 482.
- ⁶³ OLIVEIRA, op. cit., p. 118.
- ⁶⁴ Álvaro Teixeira Remos nasceu em Curitiba e colaborou no jornal do cunhado Eduardo Gonçalves. Em seguida, mudou-se para Ouro Preto, onde fundou o jornal Diário da Manhã. Lá organizou, juntamente com Francisco Glicério, Alves Guimarães e Herculano de Freitas, a Junta Republicana. Sua atuação junto a Floriano na revolta de 1893 valeu-lhe a promoção ao posto de major e, mais tarde, ao de coronel. Foi diretor geral da prefeitura de São Paulo por 25 anos e secretário do Conselheiro Antônio Prado, quando este foi prefeito da cidade (Cf. NEGRÃO, Francisco. *Genealogia paranaense*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1946. v. 5, p. 71).
- ⁶⁵ PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)*. Curitiba: IHGP, 1976, p. 16.
- ⁶⁶ NICOLAS, Maria. *Cem anos de vida parlamentar: deputados provinciais e estaduais do Paraná*. Curitiba: [s.n.], 1961, p. 19.
- ⁶⁷ *A Republica*, 24 ago. 1889.
- ⁶⁸ *A Republica*, 14 dez. 1889.
- ⁶⁹ *A Republica*, 7 jul. 1891, Anno VI, n. 444, p. 2.
- ⁷⁰ Cf. CARVALHO, J. M. de, *A formação...*, op. cit.

- ⁷¹ *A Vanguarda*, 1897, ano I, n. 8, p. 1-4.
- ⁷² CARVALHO, J. M. de, *A construção...*, op. cit., p. 144.
- ⁷³ FIGUEIRA, *Como se fez a propaganda da República em Paranaguá*. [s.n., s.d]. Palestra pronunciada em agosto de 1948 na Rádio Difusora Paranaense, p. 9.
- ⁷⁴ SILVA, Albino. Reflexões. *Pátria Livre*, 5 maio 1889, ano I, n. 5, p. 3.
- ⁷⁵ O *Pátria Livre* publica e apóia o manifesto de Vicente Machado.
- ⁷⁶ *Pátria Livre*, 23 mar. 1890, ano II, n. 47.
- ⁷⁷ NICOLAS, Maria. *Vultos paranaenses*. Curitiba, 1948, p. 91.
- ⁷⁸ Aluno da Escola Militar do Rio de Janeiro e de Porto Alegre, participou da propaganda republicana no Rio Grande do Sul ao lado de Júlio de Castilhos. Jornalista e poeta, nasceu em Guaraqueçaba em 1863. Promovido a segundo tenente em 1890, veio servir na guarnição de Curitiba, alistando-se nas fileiras do Partido Republicano de Vicente Machado. Foi redator do *A Republica* de 1894 a 1896.
- ⁷⁹ CARNEIRO, David. *Galeria de ontem e de hoje*. Curitiba: Vanguarda, 1963, p. 286.
- ⁸⁰ *A Vanguarda*, 1897, ano I, n. 8, p. 1-4.
- ⁸¹ FIGUEIRA, *Como se fez...*, op. cit., p. 10.
- ⁸² Candidato ao Senado em 1891 pela chapa do Partido Operário. In: *A República*, 10 set. 1890, n. 210.
- ⁸³ SCHWARCZ, O espetáculo..., op. cit., p. 190.
- ⁸⁴ CARVALHO, J. M. de, *A construção...*, op. cit., p. 115.
- ⁸⁵ BOURDIEU, Pierre. *¿Qué significa hablar?* Economía de los intercambios lingüísticos. Madrid: Ediciones Akal, 2001, p. 11.
- ⁸⁶ SEGA, Rafael. *Tempos belicosos: a revolução federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos quatro Ventos, 2005, p. 139.
- ⁸⁷ PEREIRA, L. F. L. *O espetáculo dos maquinismos modernos: Curitiba na virada do século XIX para o XX*. São Paulo, 2002. Tese (Doutorado em História Social) – USP. p. 56.
- ⁸⁸ *Galeria Illustrada*, Curityba, 20 nov. 1888, p. 2.
- ⁸⁹ *Quinze de Novembro*, 21 fev. 1890, n.78 p. 1.
- ⁹⁰ PILOTTO, op. cit., p. 26.
- ⁹¹ Periódico literário fundado em 1897 como órgão oficial do Centro de Letras.
- ⁹² PARANÁ, op. cit., p. 117.
- ⁹³ Aspectos relacionados à sua atuação como crítico de sustentação à geração simbolista do Paraná foram trabalhados por Bega (op. cit.).
- ⁹⁴ MURICY, *O símbolo...*, op. cit., p. 69.

- ⁹⁵ PÁGINAS ESCOLHIDAS. *Literatura*. Curitiba: Assembléia Legislativa do Paraná, 2003, v. 1, p. 95.
- ⁹⁶ VICTOR, Nestor. *Meus dois mestres*. In: PÁGINAS ESCOLHIDAS, op. cit., p. 97.
- ⁹⁷ MURICY, *O símbolo...*, op. cit., p. 89.
- ⁹³ CHAVES, Maria de Lourdes. *A centenária república e o Coronel Joaquim Monteiro*. Curitiba: Gráfica Vicentista, 1990, p. 29.
- ⁹⁹ VICTOR, Nestor. Apud MURICY, *O símbolo...*, op. cit., p. 100.
- ¹⁰⁰ Catarinense, o poeta negro, como ficou conhecido, foi o precursor do movimento simbolista brasileiro.
- ¹⁰¹ PARANÁ, op. cit., p. 156.
- ¹⁰² MURICY, *O símbolo...*, op. cit., p. 109.
- ¹⁰³ *Ibid.*, p. 145.
- ¹⁰⁴ DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DO PARANÁ. Curitiba: Chain: Banco do Estado do Paraná, 1991, p. 432.
- ¹⁰⁵ Um dos grandes críticos e fiscalizadores das ações das elites que dominaram a República Velha.
- ¹⁰⁶ MICELI, *Poder...*, op. cit., p. 16.
- ¹⁰⁷ BEGA, op. cit., p. 388.
- ¹⁰⁸ MICELI, *Poder...*, op. cit., p. 23.

Bibliografia

- ALENCAR, Edigar de. *O suave e ameno historiador*. Curitiba: Ed. Prata de Casa, 1957.
- ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ALVES, Eva Maria Siqueira. *O atheneu sergipense: uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudo 1870-1908*. (Tese de Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.
- BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e construção da identidade regional*. (Tese de Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*, v.5. 1899.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- _____. A representação política: elementos para uma teoria do campo político. In: *O poder simbólico*. 6ª .ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. *¿Qué significa hablar?* Economía de los intercambios lingüísticos. Madrid: Ediciones Akal, 2001.
- CARNEIRO, David. *Galeria de ontem e de hoje*. Curitiba: Vanguarda, 1963.
- CARVALHO, J. M. de.. *A construção da ordem/teatro das sombras*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- _____. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CHAVES, Maria de Lourdes. *A centenária república e o Coronel Joaquim Monteiro*. Curitiba: Gráfica Vicentista, 1990.
- CORREIA, Leôncio. *A verdade histórica sobre o 15 de novembro*. Rio: Imprensa Nacional, 1939.
- _____. *Barão do Serro Azul*. Edição do Dr. Dicesar Plaisant, 1942.
- DANTAS, Luiz Carlos Rollemberg. Justiniano de Melo e Silva, filósofo e historiador. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, v. 16, n. 21.
- DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DO PARANÁ. Curitiba: Chain: Banco do Estado do Paraná, 1991.
- FIGUEIRA, *Como se fez a propaganda da República em Paranaguá*. [s.n., s.d]. Palestra pronunciada em agosto de 1948 na Rádio Difusora Paranaense.
- GARRIGOU, Alain; LACROIX, B. (org.). *Norbert Elias: a política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- GUARANÁ, Armindo. *Diccionario bio-biliografico sergipano*. Rio de Janeiro: Paulo, Pongetti & Cia, 1925.
- HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites: à guisa de introdução. In: _____. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos? *Educ. Soc.*, v. 23, n. 78, p. 37-55, abr. 2002
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MURICY, Andrade. *O símbolo: à sombra das araucárias (Memórias)*. Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1976.

- NASCIMENTO JÚNIOR, Correia Defreitas: sua vida e sua obra. Homenagem da Prefeitura de Paranaguá ao transcurso de seu centenário. [s.d.].
- NEGRÃO, Francisco. *Genealogia paranaense*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1950. v. 1-6.
- NICOLAS, Maria. *Efemérides paranaenses*. Edição Comemorativa do 20º aniversário do CEB, [s.d.].
- _____. *Vultos paranaenses*. Curitiba: 1948.
- NICOLAS, Maria. *Cem anos de vida parlamentar: deputados provinciais e estaduais do Paraná*. Curitiba: [s.n.], 1961.
- OLIVEIRA, Ricardo Costa de. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e Estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.
- PÁGINAS ESCOLHIDAS. *Literatura*. Curitiba: Assembléia Legislativa do Paraná, 2003. v.1.
- PARANÁ, Sebastião. *Galeria paranaense*. Ed. Comemorativa do 1º centenário da Independência do Brasil, 1922.
- PEREIRA, L. F. L., *O espetáculo dos maquinismos modernos: Curitiba na virada do século XIX para o XX*. (Tese de Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.
- PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)*. Curitiba: IHGP, 1976.
- POMBO, R. *O Paraná no centenário*. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1900.
- QUELUZ, Gilson Leandro. *Rocha Pombo: romantismo e utopias (1880-1905)*. (Dissertação de Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1994.
- ROY, Fernand; SAINT-PIERRE, Jocelyn. A alta redação dos jornais de Quebec (1850-1920). In: HEINZ, Flávio M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEGA, Rafael. *Tempos belicosos: a revolução federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos quatro Ventos, 2005.
- SOUZA, André Peixoto. *Do discurso jurídico-acadêmico ao discurso político: elementos para a constituição de um sujeito político no Império Brasileiro*. (Dissertação de Mestrado em Direito). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2003.

TOURINHO, Luiz Carlos Pereira. Engenheiros da ferrovia. In: *Toiro passante: II tempo de província*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1986.

VELLOZO, Dario. Justiniano de Mello. *O Cenáculo*, ano I, tomo I, 3º fasc., p. 59-61, jun. 1895.

VICTOR, Nestor. Meus dois mestres. In: PÁGINAS ESCOLHIDAS. *Literatura*. Curitiba: Assembléia Legislativa do Paraná, 2003. v.1, p.97.

Documentos e periódicos

Gazeta Paranaense, 1883,1889

Anaes da Assembléia Legislativa do Paraná, 34ª Sessão Ordinária, 5 set. 1888, p.194 e segs.

A Republica, 1888-1891.

Diário do Paraná, 1890.

Sete de Março, 1888.

Revista do Paraná, n. 4. Edição Fac-Símile.

A Vanguarda, 1897.

Pátria Livre, 1889, 1890.

Galeria Illustrada. Curityba, 20 nov. 1888.

Quinze de Novembro, 1890.